

## OS DESLOCAMENTOS COMUNICACIONAIS KRAHÔ EM REDES DIGITAIS E NÃO-DIGITAIS<sup>1</sup>

Thiago Franco<sup>2</sup>

### RESUMO

Este texto apresenta, de modo exploratório, um artigo sobre os deslocamentos comunicacionais dos Krahô<sup>3</sup>, e de sua cosmologia, tanto no seu território quanto nas redes digitais das quais participam. Considera-se nesse processo a forma comunicativa do habitar<sup>4</sup> Krahô, que apresenta um conjunto específico de linguagens imagéticas, anímicas, sonoras e corporais. Percebe-se ainda um trânsito de conteúdo no território, nas e/ou entre as aldeias, nas matas, nas trilhas e nas redes digitais. Todos esses elementos criam uma experiência junto aos Krahô, que dão forma a um habitar comunicativo que escapa do pensamento ocidental<sup>5</sup>.

**Palavras-chave:** deslocamentos; etnia; habitar; redes não digitais; redes digitais.

### Introdução

Atualmente, existem 25 aldeias distribuídas em uma área demarcada de 302.000 hectares, situada no nordeste do Estado do Tocantins, mas os Krahô não se deslocam apenas pelas trilhas que os conectam em território nativo. A Internet chegou às aldeias, estabelecendo outras formas de conexão e de habitar. Por isso, o artigo expõe os contrastes das redes Krahô em

<sup>1</sup> Artigo apresentado ao Eixo Temático 4 Etnicidades / Diásporas, do IX Simpósio Nacional da ABCiber.

<sup>2</sup> Atualmente é integrante do Centro Internacional de Pesquisas ATOPOS e doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da ECA-USP, na linha Comunicação e Ambiências em Redes Digitais, vinculada a área Teoria e Pesquisa em Comunicação. Mestre, especialista e graduado em Comunicação pela Universidade Federal de Goiás, UFG. Email: [thiago-franco@usp.br](mailto:thiago-franco@usp.br)

<sup>3</sup> Krahô: etnia (também conhecida como os “Senhores do Cerrado”) de origem Timbira e língua Jê cuja terra demarcada está situada na região do cerrado, no nordeste do Estado do Tocantins, quase na divisa com o Maranhão. Estudos realizados pelo Memorial do Cerrado da PUC-Goiás apontam que há 11 mil anos a população Timbira de tronco linguístico Macro- Jê, já estava definitivamente assentada nas áreas do Planalto Central brasileiro.

<sup>4</sup> Existe aqui uma apropriação do termo “forma comunicativa de habitar” pensada a partir da obra de Massimo Di Felice (2009).

<sup>5</sup> O ocidental deve ser entendido, de acordo com Heidegger (1977, p.16), como todo aquele pensamento que se estrutura a partir da filosofia grega clássica.

ambientes digitais e não digitais. Seu objetivo principal, portanto, será mostrar como estão configurados os deslocamentos comunicacionais dos Krahô no território e na internet. Para tanto, foi necessária uma metodologia capaz analisar conexões nos dois ambientes, a partir da vivência junto aos Krahô.

Tudo decorreu de um trabalho de campo iniciado em 2015, com uso de observação participante, e aprofundado em 2016, quando o pesquisador habitou por sete meses o território indígena. O artigo, portanto, mesclará dados de campo colhidos durante a estadia na aldeia com informações obtidas durante navegação em perfis dos Krahô no Facebook.

Durante o convívio com os nativos, o pesquisador registrou os dinamismos anímicos e virtuais estabelecidos pela condição xamânica, considerou os deslocamentos de humanos e não-humanos no território, percebeu o extrapolar da terra demarcada e analisou as possibilidades de linguagens, performances, fluxos informacionais digitais e não-digitais, experiências sensíveis/estéticas que dão forma ao habitar Krahô.

De acordo com algumas percepções já vivenciadas junto aos Krahô, a pesquisa estaria incompleta se vista apenas de um ângulo. É preciso habitar junto a eles, tanto nas redes digitais quanto nas não-digitais. O pesquisador tem contato com a etnia desde 2002. Nesse sentido, foram propostas as seguintes condições para a composição da observação participante, pensada na forma de redes<sup>6</sup> e combinada à teoria-método da fenomenologia<sup>7</sup>: é preciso habitar o território<sup>8</sup>; é preciso habitar os ambientes virtuais nos quais os Krahô estão inseridos.

Para pensar o encontro do digital com o habitar Krahô, foram consideradas as categorias de formas comunicativas do habitar apresentadas por Di Felice (2009): a empática, a exotópica e a atópica. Essas três categorias comunicativas mantêm relações estreitas com as guinadas históricas cognitivas da linguagem ocidental, que transitam de oral para manuscrita/impressa (considera-se o alfabeto), de impressa/mecânico-imagética para eletrônica, de eletrônica para digital.

Nenhuma das categorias de Di Felice (2009) descrevem a forma do habitar comunicativo Krahô. Contudo, a descrição do autor nos mostra um conceito com passado histórico e que em algum momento toma contato com a forma específica Krahô. Nesse sentido, temos que considerar que as linguagem escrita, impressa, mecânico-imagética, eletrônica e digital

---

6 Di Felice, Torres e Yanaze (2012) sugere como metodologia a pesquisa de redes de redes.

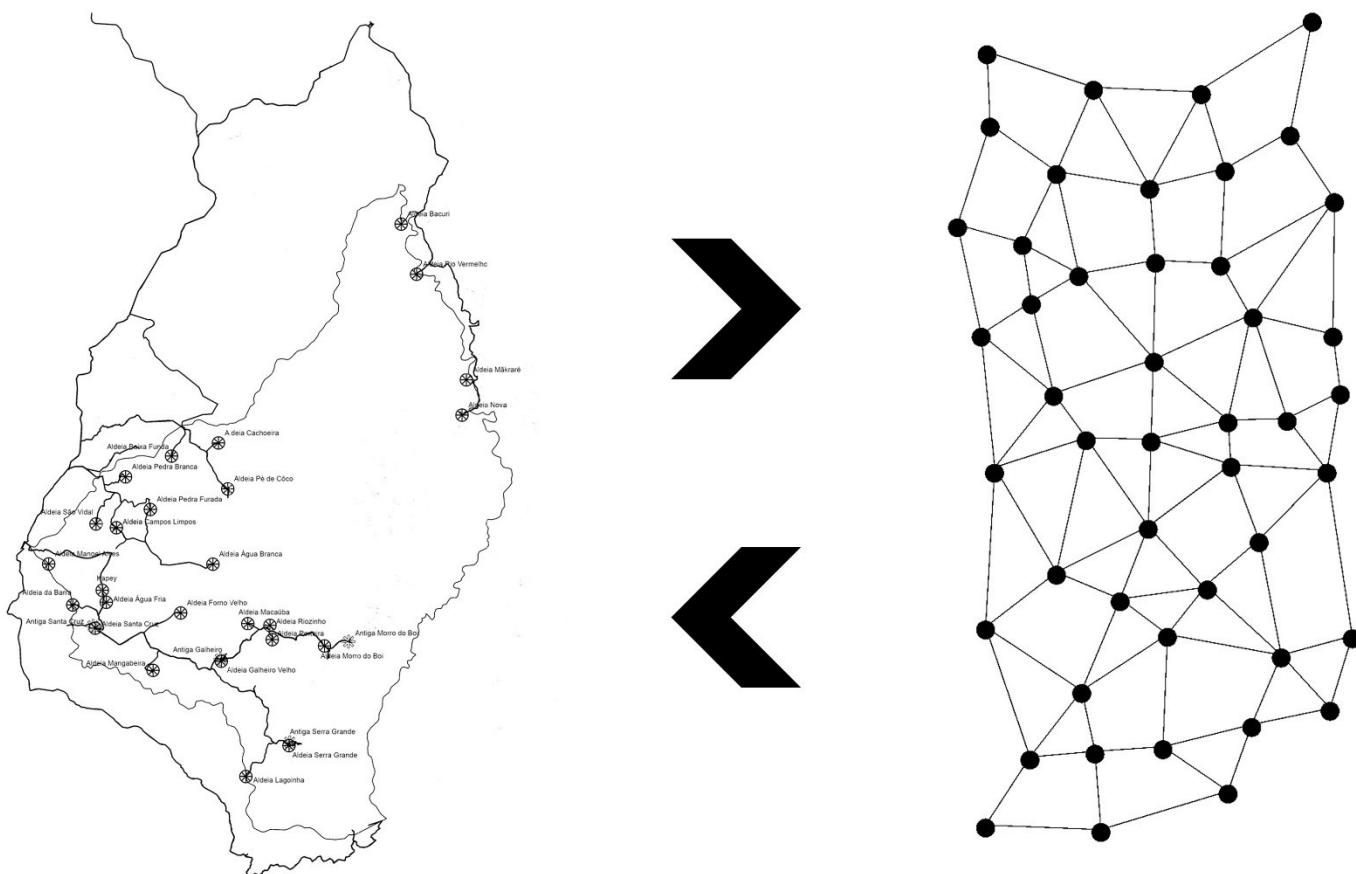
7 Levar em consideração e fenomenologia como teoria ao tempo em que método, a partir da leitura das considerações de Heidegger (2014).

8 O trabalho de campo começou em 2015, nas aldeias Manoel Alves e Pedra Branca. As coletas foram feitas em março e julho/agosto. No ano de 2016, começou em abril e irá perdurar até outubro. 13 aldeias foram visitadas até a entrega desse trabalho. Contudo, o campo está concentrado na Aldeia Manoel Alves.

chegam ao território. Não chegam na ordem cronológica europeia, mas de forma desordenada está presente entre os nativos, nesse momento. As linguagens externas ao território passam a interferir na experiência comunicacional tradicional.

A figura 1, por exemplo, representa o encontro de duas redes que abrigam o não-digital e o digital. No lado esquerdo, tem-se, com a contribuição de Costa (2013), a rede de 25 aldeias Krahô mapeada e digitalizada por satélites. Já no lado direito, vê-se o modelo de comunicação distribuída da Internet pensada por Baran (1964). A figura 1 não faz jus às dinâmicas de cada rede, pois está estática, mas é ilustrativa.

**Figura 1:** Conexões atópicas - redes de redes



**Fonte:** adaptação de Costa (2013) e Baran (1964).

Ambas as redes são anímicas, cada nó é interdependente e, nesse momento, estão conectadas e em deslocamento. Para chegar a essa primeira impressão, o pesquisador precisou habitar tanto os ambientes não digitais quanto os digitais. Desse modo, foram dados os pri-

meiros passos metodológicos para o mapeamento da forma comunicativa do habitar Krahô combinado com a forma comunicativa atópica de Di Felice (2009). O atópico é um lugar de difícil explicação, nem interno e nem externo, mas complexo, que é tecido junto.

Como metodologia, apoia-se na fenomenologia e na ideia de habitar da teoria de Di Felice (2009). Sloterdijk (2006, p.237) colabora nesse sentido ao propor a existência de uma diversidade de mundos animados, que podem ser desvelados por intermédio de uma fenomenologia que valoriza o espaço. Esses mundos estariam organizados como ilhas banhadas pelo mar, que são arquipélagos e/ou rizomas do mar.

Nesse sentido, a proposta retratará um pouco dos deslocamentos, do trânsito de significados, da mescla de fenômenos que estão em fluxo entre o território e a internet. As postagens dos Krahô não podem ser lidas por chaves ocidentais, pois parecem se apresentar como práticas que escapam ao olhar de quem é externo às aldeias. Como dizem os Krahô, “os *kupê*<sup>9</sup> precisam entender mais o *mehĩ*<sup>10</sup>. Às vezes, a internet ajuda, né? ”<sup>11</sup>.

### **Deslocamentos: o estar-dentro**

Sloterdijk entende que existe uma solidariedade, entre povos originárias, e é algo bem diferente do que se pratica nas “sociedades modernas”. É algo que não passa por divisão de classes ou contratos estabelecidos, é algo que supera barreiras, paredes e muros. Ele chama esse fenômeno de “estufa sem paredes e de solidariedade esférica” (SLOTERDIJK, 2004, p. 178, tradução minha).

Falar de solidariedade em forma de estufas é algo que deve indicar, na linha de frente, que no caso de pessoas que vivem realmente em comum, suas relações internas têm uma proeminência absoluta sobre as relações com o entorno. Precisamente as hordas mais primitivas mostram essa tensão ao primado do interior: à medida que, como estufas de relação realmente existentes, procura-se aos membros uma situação relativamente agradável, orientam-se sobre tudo em seu auto-abrigo de trans muros não construídos e paredes não levantadas. (SLOTERDIJK, 2004, p. 178, tradução minha).

Então, o que mantém junto um grupo sem paredes? Pode-se dizer que grupos que vivem juntos produzem, em suas estufas, um clima interior que funciona para os habitantes como se fosse um “nicho ecológico privilegiado” (SLOTERDIJK, 2004, p. 179, tradução minha). A palavra nicho não foi empregada por acaso. Nicho em sua etimologia deriva do fran-

---

<sup>9</sup> *Kupê*: aquele não nasceu Krahô, aquele que é externo a aldeia, aquele que não é ameríndio.

<sup>10</sup> *Mehĩ*: os Krahô preferem ser chamados de *mehĩ* (aquele que faz parte da etnia), quem “faz parte da terra”.

<sup>11</sup> Conversa com Roberto Cahxê Krahô, coletada no dia 22/05/2016.

cês *niche*, forma francesa regressiva de *nicher*, fazer seu ninho, do latim vulgar *nidicāre*, do latim clássico *nidum*, ninho.

De acordo com Sloterdijk (2004, p. 180) toda sociedade – independente da cosmologia –, é um projeto uterotécnico que extrai de si mesma uma proteção. Porém, para o filósofo, o habitar não pode ser pensado apenas pela ótica de Heidegger, do proteger-se. No habitar, tem que se levar em consideração as esferas protegidas e não protegidas, afinal, os ambientes climatizados não estão imunes aos elementos estranhos.

Diga-se de passagem, a díade é a primeira forma de conexão humana observada por Peter Sloterdijk, é a ligação inicial uterina (mãe-filho). A díade é uma forma de conexão, um fenômeno ecológico bem diferente do pensamento dualista. Já a dicotomia pode ser o que resulta da purificação, ou seja, é a separação.

Uma “estufa-sem-paredes-de-solidariedade-esférica” é constituída de conexões que tencionam ao mesmo tempo em que transita na endosfera-exosfera. As conexões não são totalmente internas e nem totalmente externas, estão contidas umas nas outras.

Sloterdijk (2004) entende que:

[...] o ser humano é um animal que, junto com seus outros itens essenciais, cria atmosferas em quase qualquer situação, porque segue marcado pela memória de um outro ter-sido-ou-estado-dentro e pela antecipação de um último envoltório. Ele é o ser vivo que nasce e morre, que tem interior porque muda de interior. Em qualquer lugar do ser humano atuam tensões de mudanças. (SLOTERDIJK, 2004, p. 180, tradução minha).

Basicamente o ser humano é o primeiro abrigo de sua própria imanência. Ele se auto-abriga em receptáculos e é a vida intrauterina e a sua continuação de dupla vida mãe-filho pós-natal que proporciona a capacidade amplificada de habitar. É essa capacidade que será resignificada, pois dará o modelo para a ampliação da presença de demais moradores (a capacidade de continuação da gestação não está restrita ao sexo feminino).

A partir de uma leitura heideggeriana, Sloterdijk (2004) diz que essa experiência de abrigar é uma espécie de êxtases primitivo do “ser-aí-em-um-espaco-compartilhado”. O ser e/ou estar dentro remete ao habitar de um ser vivo envolvente. Assim, primeiro o ser humano viverá em seu flutuar fetal, que depois o projetará – de acordo com as diversidades –, nas geometrias sociais, nas geografias políticas específicas, nos úteros coletivos.

Ora, se pensarmos apenas os grupos ameríndios teremos uma infinidade de envolturas, de formas de habitar<sup>12</sup>, de geografias específicas. Somente no Brasil esses grupos estão consti-

---

12 Ver mais detalhes em Di Felice (2009).

tuídos por centenas de populações. Cada população é constituída por complexidades particulares. O último Censo<sup>13</sup> brasileiro aponta a existência de 305 etnias que falam 274 línguas distintas.

A partir desse momento, trataremos as particularidades Krahô, seus modos de habitar, suas interioridades coletivas, suas relações comunicacionais. Tentaremos sentir e experienciar as formas comunicativas do habitar Krahô, a partir da projeção uterina em ambientes reticulares, onde elementos não-humanos estão cobertos junto aos humanos.

### **Porque a aldeia é redonda?**

Temos que considerar que redes sociais nem sempre são digitais, existem redes sociais, que praticam virtualidades e que também não são digitais. Como diria Rifiotis (2016), precisamos repensar o repovoamento do social. No território Krahô existem várias aldeias interligadas, que estão orquestradas em uma rede não-digital. Cada uma constitui núcleos, com um cacique<sup>14</sup> e outras lideranças, que utilizam o pátio para ações do uso comum, partilha da comida, rituais, tomada de decisões e comunicação das decisões.

#### **Imagem 2: Redes**

**Fonte:** autoria própria.

---

13 Para mais detalhes sobre a pesquisa do IBGE, acessar o endereço: < <http://indigenas.ibge.gov.br/estudos-especiais-3/o-brasil-indigena/lingua-falada> >. Último acesso: 12/12/2016.

14 O cacique nem sempre toma as decisões sozinho. Cada aldeia conta com um conselho formado por homens mais velhos que podem mudar ou até impedir a decisão do cacique. Periodicamente existem reuniões para tratar dos assuntos diversos da aldeia.

Por que a aldeia é redonda? A pergunta já tinha sido respondida em estudo iniciado na década de 1960.

Ele lhes perguntava mais ou menos assim: "Por que as casas estão em círculo? Por que nos reunimos no pátio?" Suas palavras mostram que o líder associava a forma da aldeia à solidariedade que devem manter entre si os habitantes da mesma. Há, portanto, um outro tipo de resposta. O primeiro tipo de resposta ("porque os antigos também faziam assim") se baseia na continuidade temporal dos costumes de cada sociedade: uma grande quantidade de elementos culturais de que dispõem os membros de uma sociedade são herdados dos antepassados. Mas o segundo tipo de resposta se baseia nas relações que os elementos culturais mantêm entre si: a aldeia é redonda porque essa forma tem algo a ver com a solidariedade que devem manter entre si seus moradores. (MELATTI, 1974, p.35).

Mellati (1974) percebe a forma geométrica relacionada a solidariedade assim como a descrição geral de Sloterdijk (2014). A forma redonda remete ser-junto, ao compartilhar, ao estar-dentro e/ou fazer parte. A maioria dos rituais, nos quais a alimentação é dividida, passa por um caminhar em círculo. O cantor chama as pessoas e divide a carne, sempre seguindo o círculo externo do *krĩ* (aldeia).

**Imagem 3:** *krĩ* (aldeia)



**Fonte:** autoria própria.

Uma aldeia não se resume no território. Galloi (2004) defende que a ideia de território entre as etnias brasileiras é algo mais volátil e complexa. O território não é necessariamente a terra demarcada. A terra demarcada é o que foi imposto ao nativo. Logo, é possível dizer que entre os Krahô, a concepção de território passa pelas lembranças passadas de lugar, que extrapola os limites da demarcação e passa pela virtualidade das fronteiras.

A virtualidade se estende à mente xamânica. Qualquer Krahô conta suas histórias comunicacionais com animais, vegetais e minerais. “Não nos dividimos da natureza”, me disse Roberto Krahô<sup>15</sup>, durante a minha estadia na aldeia. Os animais quando querem falar, falam. A conversa com seres não-humanos é algo característico entre os nativos ameríndios. Assim, a virtualidade xamânica é necessária para manutenção ecológica e complexa desses povos, de acordo com Viveiros de Castro (2013). Portanto, o território Krahô apresenta uma complexidade própria, anímica, que está em constante trânsito. Os receptáculos uterinos, o estar-dentro é estendido aos entes não-humanos.

## O digital e o Ser sacral

*Mekarõ*, entre os Krahô, pode ser entendido em termos gerais como o espírito e/ou o espírito refletido. O reflexo do corpo na água reflete aquilo que está contido no corpo, assim todos aqueles que são “gente” são espíritos que transitam e podem ser refletidos.

**Imagem 10: A Kàjre no Facebook**



<sup>15</sup> Roberto Krahô é o meu *Keti*, uma



FONTE: adaptação de imagem do Facebook.

A imagem 4 revela o *mekarõ* de uma machadinha Krahô no Facebook. Contudo não se trata de qualquer objeto. Trata-se da *Kàjre*, a machadinha sagrada que canta e harmoniza a aldeia. A *Kàjre* não é entendida como pedra – ao ser digitalizada, ela muda de substância e passa a ser *bits* –, mas será que perde o sentido sacral?

A palavra *mekarõ* foi adaptada para fotografia, mas é bem mais profunda que a imagem simplesmente capturada. A pesquisadora Manuela Carneiro da Cunha explica melhor o termo ao falar dos princípios vitais entre os Krahô. O primeiro princípio vital é a respiração e:

Um segundo princípio vital é o *karõ* (no plural *mekarõ*). Habita o corpo, embora se ausente nos sonhos e nas doenças; sobrevive ao homem, e é ele quem vai estabelecer entre os mortos e lá levar uma existência insípida e diminuída. Talvez por isto *karõ* conte entre outros sentidos o de morto, que lhe é mais usual quando usado na forma coletiva (*mekarõ*), um pouco como nós usamos os termos “espíritos ou almas de defuntos”. O significado de *karõ*, no entanto, parece ser bem mais amplo: o termo abrange seus *denotata* a fotografia, o reflexo, toda “imagem do corpo”. Mas não só: o *karõ* pode assumir, mesmo enquanto ligado ao corpo hospedeiro, aparência diferente desse corpo que ele habita: foi-nos descrito, certa vez em que se nos contava a reinserção de um *karõ* vagabundo, como um objeto branco, do tamanho de um dedo, parecido com um pequeno sapo (*prokayê*), algo portanto mais manipulável pelo curador. (CARNEIRO DA CUNHA, 1978, p.10).

Em outro ponto Carneiro da Cunha (1978, p.115) mostra que o *karõ* pode assumir uma forma mais livre durante o processo de trânsito. Se primeiro ele era um animal de grande porte, após a morte, o mesmo pode assumir a forma de uma pedra ou um cupim. As possibilidades de metamorfose são múltiplas.

Em uma roda de conversa, mostrei o *post* da machadinha a Roberto Krahô. Ele me disse que se tratava do defunto da machadinha. Contudo, não era no sentido de estar morta, mas era a característica potencial da *Kajré*. Ele acabou me mostrando que virtualidade xamânica se estendeu ao digital, ou seja, a virtualidade xamânica e a digital estavam convertidas em um mesmo lugar.

### **Primeiras impressões**

A chegada do digital às aldeias ameríndias ganham sentidos que escapam da compreensão ocidental. O digital passa a abrigar entes xamânicos que antes habitavam apenas uma vir-

tualidade tradicional e que agora têm a possibilidade de fazer parte de uma outra esfera reticular, a dos fluxos binários.

Costa (2013), durante boa parte de sua tese, mostra que a imagem mental do lugar onde se mora entre os Krahô também está diretamente relacionada ao *mekarõ*. Por exemplo: se alguém pede para um Krahô desenhar onde ele mora, o mapa mental refletido no papel é o *Pjê Mekarõ*, *Pjê* (território) *Mekarõ* (espíritos). Não do espírito enquanto mente (enquanto ciência do espírito), mas aquilo que habita o corpo do Outro.

O *Pjê* parece ser um grande território habitado por entes virtuais abrigados em uma ecologia diversa e que estão organizados em consonância com a forma reticular das aldeias, um lugar anímico e em trânsito. O trânsito passa por uma ideia de reticularidade. Cada aldeia sabe o seu limite no território, mas as paredes são virtuais (obviamente existe um grau de volatilidade nessas divisões). Nesse contexto, as novas aldeias emergem como ilhas, frutos das divergências e que agora estendem suas ramificações ao digital.

## Referências bibliográficas

BAIRON, S. A comunicação nas esferas, a experiência estética e a hipermídia. In: **Revista USP**. São Paulo, n. 86, ago. 2010.

BARAN, P. **On distributed communications**. Rand Corp. Memo RM-3420-PR, Aug. 1964.  
COSTA, R. O. **Na trilha dos Timbiras: sustentabilidade e territorialidade Krahô**. Tese de Doutorado. Centro de Desenvolvimento Sustentável. Universidade de Brasília: Brasília, 2013.

DI FELICE, M. **Paisagens pós-urbanas: o fim da experiência urbana e as formas comunicativas do habitar**. São Paulo: Annablume, 2009.

DI FELICE, M.; TORRES, J. C.; YANAZE, L. K. H. **Redes digitais e sustentabilidade: as interações com o meio ambiente na era da informação**. São Paulo: Anablume, 2012.

GALLOIS, D. T. Terras ocupadas? Territórios? Territorialidades? In: FANY, R. (Org.). **Terras Indígenas e Unidades de Conservação da Natureza**. 1ª ed. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2004, p. 37-41.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 2014.

\_\_\_\_\_. **Ensaios e conferências**. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_. Construir, Habitar, Pensar. In: **Conferencias y Artículos**. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1994.

HOLANDA, S. B. de, **Caminhos e fronteiras**. 2º ed., São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

LUCAS, M. E. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 11, n. 24, p. 7-11, jul./dez. 2005.

MELATTI, J. C.. Contos de Guerra dos Índios Craô. Reedição, com modificações, de: MELATTI, J. C.. In: **Reflexões sobre Algumas Narrativas Krahô**. Série Antropologia, nº 8, Departamento de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, 1974a.

\_\_\_\_\_. **Por que a aldeia é redonda?** Informativo FUNAI, nº 11, 1974b, p. 34-41.

\_\_\_\_\_. **O sistema social Krahô**. Tese de doutoramento. Brasília: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1970.

\_\_\_\_\_. **O mito e o xamã**. Revista do Museu Paulista. São Paulo - Nova Série, vol. 14, 1963, p. 60-70.

MELO, J. H. T.. **Kàjrê: a vida social de uma machadinha krahô**. 2010. 155 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

MORIM, A.G.. Uma biografia do Kàjrê, a machadinha Krahô. In: GONÇALVES, J. R. S.; GUIMARÃES, R. S.; BITAR, N. P. (Org.). **A Alma das Coisas. Patrimônios, materialidade e ressonância**. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2013, v. 1, p. 185-210.

MORIN, E. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Tradução do francês: Eliane Lisboa -. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2005.

\_\_\_\_\_. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez 2000.

\_\_\_\_\_. O método 1. **A Natureza da Natureza**. 1.ed. Portugal: Publicações Europa-América Lda., 1977.

MORIN, E.; CIURANA, E.; MOTTA RAÚL, D. **Educar na era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana**. São Paulo: Cortez, 2003.

MUSSO, P. A filosofia da rede. In: PARENTE, A. **Tramas da Rede. Novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação**. Porto Alegre, Sulina, 2004.

NEVES, E. G. **Sob os tempos do Equinócio: oito mil anos de História na Amazônia Central (6.500 AC - 1.500 DC)**. 2012. Tese (Livre-Docência) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

NORBERG-SCHULTZ, C. **Genius loci: paysage, ambiance, architecture**. Bruxelles: Ed. Mardaga, 1981.

OLASAGASTI, M. **Introducción a Heidegger**. Madrid, Revista de Occidente, 1967.

RIFIOTIS, T. Etnografia no ciberespaço como “repovoamento” e explicação. In: **RBCS** Vol. 31 nº 90 fevereiro/2016.

PRIGOGINE, Ilya. **O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza**. São Paulo: UNESP, 2011.

\_\_\_\_\_. **Ciência, Razão e Paixão**. São Paulo: Ed. Livraria da Física, 2009.

SCHIAVINI, F. **De longe toda serra é azul – histórias de um indigenista**. Brasília: Criativa Gráfica Editora LTDA, 2006.

SIMMEL, Georg. Sociologia do espaço. In: **SciELO**. vol.27, n.79, 2013, pp. 75-112.

Disponível em:

< [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142013000300007&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142013000300007&lng=pt&nrm=iso) >.

SLOTERDIJK, P. **Esferas III**. Madri: Ediciones Siruela, 2006.

\_\_\_\_\_. **Esferas II**. Madri: Ediciones Siruela, 2004.

\_\_\_\_\_. **Esferas I**. Madri: Ediciones Siruela, 2003.

\_\_\_\_\_. **No mesmo barco: ensaio sobre a hiperpolítica**. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.

STENGERS, I.; PIGNARRE, P. **La Sorcellerie Capitaliste, La Découverte**, Paris, 2005.

VIVEIROS DE CASTRO, E. **Metafísicas canibais**. São Paulo: Cosac &Naify, 2015.

\_\_\_\_\_. **A inconstância da alma selvagem**. São Paulo: Cosac &Naify, 2013.

\_\_\_\_\_. (Entrevista) Lévi-Strauss nos 90. A antropologia de cabeça para baixo. In: **Mana** v. 4, n. 2, Rio de Janeiro, 1998.

\_\_\_\_\_. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. In: **Mana**. 1996, vol.2, n.2, p. 115-144.

WAGNER, R. **A invenção da cultura**. São Paulo. Cosac Naify, 2010.